

CORONAVÍRUS

O TRABALHO SOB O FOGO CRUZADO

ANTUNES, Ricardo. **O Trabalho Sob Fogo Cruzado**. São Paulo, Boitempo, 2020, 51 Páginas.

Cleudiaude Martins Lopes¹

Coronavírus: o trabalho sob o fogo cruzado de Ricardo Antunes traz uma contundente reflexão crítica sobre os efeitos da crise econômica e a pandemia do Coronavírus nas relações entre o capital e a classe trabalhadora. O Autor desenvolve a reflexão em cinco capítulos apresentando um panorama histórico da crise capitalista e seus impactos e as transformações ocorridas até a última crise em 2008-2009. Ele aprofunda a discussão ao apresentar novos marcos impostos em decorrência do novo Coronavírus – uma crise sanitária –, mas que afetou o sistema de metabolismo antissocial do capital, especialmente sobre a classe trabalhadora que já vinha sofrendo de modo brutal e tentando sobreviver à mesma.

No primeiro capítulo, Antunes (2020), nos sinaliza, de maneira introdutória, o contexto que antecede a pandemia, no âmbito mundial, com informações de alta mortalidade decorrente do vírus, o qual também afeta as relações sociais e trabalhistas, cabendo destacar esta última, ao grande aumento de desempregados, e consequen-

¹ Bacharel em Teologia, licenciatura em Ciências da Religião; bacharel em Serviço Social e menestrando em Política Social na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

E-mail: cleudiaude.lope.cl@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000.0002.3670.841X>

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/5630495793289327>



temente, o aumento da pobreza e miséria. A realidade da uberização, que se intensifica com a necessidade do isolamento social, levou a um aumento considerável deste serviço, que em meio à crise provocada pela pandemia, ganha moldura dramática, em todo o mundo. Até mesmo a principal economia do mundo, os Estados Unidos da América, um grande número de sem-tetos se aglomeram em espaços públicos, revelando a realidade da pandemia. Nesse sentido, Antunes (2020), nos lembra que, se tais efeitos afetam a maior economia do mundo, imagina-se então em países latinos, com destaque para o Brasil, que por sua complexidade política, social e econômica, assume um caráter “desesperador” pelo seu contingente exército industrial de reserva.

O contexto brasileiro para a classe trabalhadora, que antecede a pandemia, segundo Antunes (2020), não era nada animadora. Pois o trabalho informal no Brasil antes mesmo da pandemia girava em torno de 40% da população. A precarização pelo trabalho intermitente, e exploração dos que estavam no mercado de trabalho revelam as consequências de um capitalismo cruel e expropriador, além das condições de uberização de mais de cinco milhões de pessoas vendendo suas forças de trabalho através das plataformas digitais, citando apenas uma, como por exemplo, a empresa *Ifood*, que vende uma falsa proposta de trabalho rentável, quando, na verdade explora os trabalhadores que se submetem a proposta. O autor encerra o capítulo questionando como a classe trabalhadora superará o edifício do capital?

No *segundo capítulo* o autor refresca a nossa memória sobre a metáfora *metabolismo antissocial*, formulada e utilizada por Marx, para entender melhor o funcionamento da engrenagem e mecanis-



mos que movem o sistema do capital. Trata-se aqui da essência do sistema metabólico que ganhou especial desenvolvimento analítico com o renomado István Mészáros em sua obra *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição* (2002). Tal sistema metabólico do capital tem sido estudado ao longo dos anos, sendo percebido os seus efeitos em todos os seguimentos sociais, tanto de movimentos contrários ao sistema, quanto nos que se beneficiam do mesmo.

Para o autor, as desventuradas circunstâncias de crises formatadas no final e início das décadas de 1960/70 respectivamente, e especialmente intensificado nos anos 2008-2009, revelando um arcabouço social favorável aos desdobramentos apresentados em forma de ritmos estonteantes de corrosão do trabalho, devastação do meio ambiente, degradação do meio rural convertido em agronegócio, perpassando pelas relações de movimentos societários como: racismo, gênero, xenofobia (entre outros), e de forma mais emblemática afetando a classe trabalhadora, fonte propulsora de lucro do capital. O autor também não esquece de evidenciar que o sistema metabólico do capital se beneficia dos ciclos virtuosos de aumento dos lucros, provocando crises de acumulação, como parte estruturante de sua dinâmica, necessitando de reajustes, como garantia da sua sobrevivência.

O autor recorda que Mészáros (2002), alerta se tratar de uma crise estrutural do capital levando-se em conta, em primeiro lugar, a diferenciação conceitual entre capital e capitalismo. Para Antunes (2020), o capital antecede ao capitalismo como se vê pela existência do capital mercantil ou comercial, bem como do capital usual. Ele ainda revela uma segunda indicação de Mészáros (2002), sobre o sistema de metabolismo social do capital que se constitui pelo tripé



capital, trabalho assalariado e Estado, de forma inter-relacional, significando que a eliminação cabal desse sistema somente será possível pela extinção desses três elementos estruturantes.

Ainda neste segundo capítulo, Antunes (2020), fala sobre a expansão e desenvolvimento do mundo do trabalho na era informacional, das plataformas digitais e dos aplicativos. Ele compara o avanço informacional-digital a um relógio que não pára de rodar, alertando para o perigo iminente de destrutividade, tornando a força de trabalho global cada vez mais descartável e supérflua, somando-se a esse trágico cenário de devastação que é a pandemia do novo Coronavírus.

No terceiro capítulo, Antunes (2020), discute a crise estruturante do capital como solo de proliferação da pandemia que provocou a morte de milhões de pessoas, e milhões de desempregos. A essa trágica e simultânea imbricação entre o sistema de metabolismo antissocial do capital, crise estrutural e a explosão do Coronavírus, ele denomina de *capital pandêmico*, cujo caráter é discriminatório no que tange às classes sociais, pois sua ação é brutal e intensa sobre aqueles que dependem do trabalho para sua sobrevivência.

A profundidade e seriedade com que o autor discute neste capítulo é pontual, contundente e crescente, revelando sensibilidade e compromisso social no trato sobre essas questões sociais. Para situar o leitor nas discussões propostas, o autor traz dados que revelam, de forma ascendente, os impactos da crise do capital pandêmico nas populações menos favorecidas. No segundo trimestre de 2020, segundo a OIT, foi registrado cerca de 195 milhões de desempregados no mundo, porém, alerta para um número ainda maior que este apresentado, dada a invisibilidade odiosa que caracteriza o mundo



do trabalho em nosso tempo, e ao fato de que os dados se tornam desatualizados a cada semana, porque todas as projeções econômicas antecipam uma recessão global monumental.

O autor traz a evidência o fato de que a Covid-19 apresenta todas as características de uma pandemia de classe, gênero e raça, estampando uma visceral contradição que atinge toda a classe trabalhadora, ficando esta num fogo cruzado: por um lado o isolamento social, cumprimento de quarentena, para se evitar a contaminação e/ou contágio do Coronavírus; por outro lado, a maioria são trabalhadores que não têm direitos sociais e que recebem salários somente quando executam algum trabalho.

No quarto capítulo, Antunes (2020), questiona sobre o futuro do trabalho sob um cenário complexo e agravado pela pandemia do Coronavírus. Ele conceitua a pandemia como um *mix* próprio do capitalismo que prejudica a natureza e o trabalho, bem como a liberdade da classe trabalhadora, e de forma especial os sujeitos adjetivados de gênero, sexualidade, etnias e raças, dentre outras dimensões que interferem diretamente na emancipação humana e social, desenhando um cenário sombrio e tenebroso.

Antunes (2020), ao apresentar este cenário político como de *horror*, interroga sobre o que é possível vislumbrar em relação ao trabalho. Neste ponto ele recorda o equívoco do fim do trabalho, como alguns *eurocêtricos* afirmam com insustentável leveza, que o trabalho havia perdido sua relevância. Antunes (2020), contesta essa afirmativa pontuando que a evidência ontológica desses equívocos está claramente estampada na paralisia que se presencia nesta fase de capitalismo pandêmico, revelado no desespero dos grandes conglomerados do capital proporcionado pelo isolamento social, perdas



de postos de trabalho, e consequentemente a redução da fonte de lucro. Tais condições espelham a face parasita da burguesia, quando esta pressiona os governos pelo fim do isolamento social e retorno da produção, mesmo diante do perigo letal do Coronavírus.

Antunes (2020), segue afirmando que sem trabalho é impossível a geração de *coágulos* de valor e de riqueza social, mesmo quando se recorre à ação do universo *maquínico-informacional-digital*, este só é possível por meio de ato laborativo humano. De modo que o capital, revelando sua natureza parasitária, consegue “depaupear, dilapidar, corroer e destroçar a força humana de trabalho sem, entretanto, eliminá-la completa e cabalmente” (ANTUNES, 2020, p. 27). O resultando numa aviltação individualização, a invisibilização e a eliminação completa dos direitos do trabalho, contribuindo para o sonho dourado do capital.

No quinto e último capítulo, Antunes (2020) traz à tona uma questão crucial: a luta pela preservação da vida. Como encontrar no presente as condições necessárias para estancar a crise provocada pela pandemia com o apoio da ciência e começar a desenhar um outro sistema de metabolismo verdadeiramente humano-social? Segue oferecendo alguns exemplos a partir da própria via cotidiana, começando pelo trabalho.

Antunes (2020), destaca a urgência em se inventar um modo no qual a humanidade seja dotada de sentido em suas atividades mais vitais e essenciais. O autor segue dizendo que é preciso tratar a questão do trabalho numa outra dimensão, sendo esta: trabalhar só o estritamente necessário para a produção de bens úteis, com menos horas de trabalho diário. Nesse sentido, o autor coaduna com o conceito marxiano sobre o trabalho como elemento fundan-



te e vital do ser humano, porém, sem salário, sem alienação e sem mais valor.

Antunes (2020), chama a atenção que esta proposição fere e confronta diretamente o sistema de metabolismo social do capital que destrói o trabalho, a natureza e a humanidade. Segundo ele, inventar um sistema de metabolismo verdadeiramente social e contrário aos imperativos expansionistas e descontrolado do capitalismo é o grande desafio, pois fere diretamente a fonte de lucro do capital. Tal empreendimento social, só é possível, a partir das lutas da classe trabalhadora, dos movimentos sociais das periferias, das comunidades indígenas movimento negro e tantas outras organizações sociais, que podem se articular contra as múltiplas formas de dominação e de exploração do capital. Diante do posto, percebe-se que a crise sanitária proporcionada pela pandemia da Covid-19, contribui diretamente para o capital, mais uma vez se reestruturar, reinventar (trabalho *home office*, por exemplo), e continuar explorando, expropriando, e conseqüentemente, aumentar mais ainda o abismo social. Nesse sentido, a classe trabalhadora tem mais um desafio diante da crise, ora enfrentada, que exige esforço, resistência e organização da classe trabalhadora para superar tal sistema opressor – o capitalismo.

Referência

ANTUNES, Ricardo, O Trabalho Sob Fogo Cruzado. São Paulo, Boitempo, 1ª. Ed. 2020.

MÉSZAROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição, São Paulo, Boitempo, 2002.

